

Reflexões sobre a construção estereotipada do negro no romance *Cidade de Deus*

Reflections about the black people's stereotyped construction in the *City of God* novel

João Luis Pereira Ourique^I , Christopher Rive St Vil^{II} 

^I Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

^{II} Universidade Federal Fluminense Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESUMO

Este trabalho apresenta uma leitura do romance *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, na qual é abordada uma realidade marcada pela pobreza e pela violência. Tendo como foco principal refletir sobre os estereótipos da cultura e da representação do negro na sociedade, a análise se ampara nas contradições existentes na construção de identidades pela narrativa ficcional, questionando as definições sobre o que é ser negro ou preto, pois estas classificações se sustentam em ambiguidades que podem ser ao mesmo tempo uma crítica ou uma espécie de aceitação/naturalização do preconceito e do racismo histórico

Palavras-chave: Cidade de Deus; Identidade; Negro; Estereótipo; Racismo

ABSTRACT

This work presents a reading of the novel *City of God* (1997) by Paulo Lins, in which a reality marked by poverty and violence is approached. Having as its main focus reflect on the stereotypes of culture and of representation of the black in society, the analysis is based on the existing contradictions in the construction of identities by fictional narrative, questioning the definitions of what is black because these classifications are sustained in ambiguities that can be at the same time a critique or a kind of acceptance/naturalization of prejudice and historical racism.

Keywords: City of God; Identity; Black; Stereotype; Racism

INTRODUÇÃO

[...] Arrisco a prosa mesmo com balas atravessando os fonemas. [...]
A areia move-se nos fundos dos mares. A ausência de sol escurece
mesmo as matas. O líquido-morango do sorvete mela as mãos.
Paulo Lins, *Cidade de Deus*.

Publicado pela primeira vez em 1997, *Cidade de Deus*¹ do escritor Paulo Lins é um romance concebido ao longo de um trabalho antropológico sobre a criminalidade na favela que dá título à obra² e procura refletir acerca da construção estereotipada das personagens a partir dos conflitos identitários existentes naquele contexto. Assim, ao longo de toda a obra, nos é apresentado um olhar mais atento daquela realidade cultural e social para além das notícias veiculadas na imprensa, oportunizando um contraponto, a partir da ficção, sobre a naturalização da violência na sociedade brasileira. Nesse sentido, a obra procura mostrar a presença de uma sociedade fragmentada e distanciada em seus níveis sociais, estabelecendo, também, uma crítica ao poder exercido por uma elite sobre a minoria. A relação entre negros e brancos – mesmo nos casos em que ambas personagens sejam moradoras da favela e submetidas às mesmas condições de pobreza – é destacada como mais um fator de diferenciação, já que “esses brancos não atraíam a atenção da polícia como os negros a faziam, e nem causavam desconfiança nos lugares frequentados pelos ricos” (Lins, 2002, p. 346).

O livro compõe vários fatos e espaços. É dividido em três partes: a história de Inferninho, a história de Pardalzinho e a história de Zé Miúdo. O que une as três histórias é a comunidade com as suas características precárias e a busca de sobrevivência em um lugar onde a questão do crime é demasiadamente forte e se libertar do passado é

¹Para não confundir o nome da obra com o da comunidade, usaremos em maiúsculo e em itálico *CDD* quando referirmos ao livro, *Cidade de Deus*, e *CD* sem itálico quando estivermos nos dirigindo à comunidade.

²*Cidade de Deus*, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, contendo diversas ruas com nomes bíblicos, em consequência dos conflitos sociais, é concebida como uma região violenta, perigosa, arriscada e de perseguição. Outrossim, encontra-se, além da sua visão negativa, na comunidade grupo de teatro, de poesia, de dança e de capoeira.

mais difícil nesse ambiente sórdido. Em cada história, vemos como a identidade negra é representada de forma estereotipada em relação a luta pelo poder, a segregação racial, a desigualdade social, a violência contra mulher e o *negro*³ como um ser marginal.

Em *CDD*, dá-se conta da existência do espírito e do estilo naturalista mesmo contendo o traço da complexidade e da diversidade do estilo contemporâneo. O século é outro, mas a obra apresenta, de forma ampla, uma descrição naturalista marcada por um *neodeterminismo* que se vincula com o evolucionismo e comportamento social no qual as personagens aparecem tanto como objeto quanto sujeito. Nessa ambientação da narrativa, o narrador denuncia e critica de forma ambígua a construção estereotipada da identidade do *negro* e tenta modificar os fatos, isto é, procura mostrar que diante dos problemas, o indivíduo pode tomar uma atitude que é correta para ele e que pode não ser aceita como tal pelo leitor.

Stuart Hall, em *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), particularmente no capítulo *Que "Negro" é esse na cultura negra?* Procura entender a imagem do *negro* na sua própria cultura, paralelamente ao que mencionamos anteriormente, passamos a ter mais conhecimento sobre o *negro*. Ele não é mais uma categoria de essência, ou seja, como um elemento de teste constituído pelo que é errado ou certo, como sempre acontece. É por isso que não podemos conhecer o *negro* apenas pelas diferenças históricas e experiências vividas em um determinado lugar, mas devemos reconhecer de fato os outros tipos de diferenças que o situam, o localizam e o posicionam. Entretanto, na obra, o léxico *negro* é ambíguo, as suas caracterizações constroem a própria narrativa; a incorporação da sua imagem e a crítica feita renovam a situação da própria sociedade, podendo ser relacionada tanto de forma negativa e inferior, quanto positiva.

Por outro lado, o termo preto é entendido como a cor escura, sendo também usado para designar a pessoa negra. No Brasil, constatamos como uma palavra pejorativa, mas não é algo frequente, ou seja, dependendo do contexto que ela foi

³A palavra negro(a) em itálico se refere tanto ao homem negro quanto à mulher negra.

usada. No *minidicionário Houaiss da língua portuguesa*, do instituto Antônio Houaiss, entende-se por preto “indivíduo da raça negra; diz-se do que tem cor escura; complicado ou perigoso” (Houaiss, 2010, p. 434). Na Europa, “o preto tem uma função: representar os sentimentos inferiores, as más tendências, o lado escuro da alma” (Fanon, 2008, p.161). Portanto, segundo Frantz Fanon, é representado tanto como cor, quanto como um termo pejorativo. Entendemos que onde há negros, há pretos, não há diferença de significado entre eles. Ao explorar esse lado que Lins expõe, tanto crítica quanto real, o nosso objetivo será neste artigo entender por que a identidade negra é representada e construída de forma estereotipada no romance.

Definir quem pertence a um ambiente é dizer, na maior parte dos casos, quais são as pessoas que fazem parte de um determinado grupo e fazer essa história negativa sendo definitiva, permanente e concreta para aquela pessoa. Essa história contada pelo outro é sempre incompleta, ou seja, dizer que todos os moradores de CD são criminosos é ilegítimo, pois o próprio narrador demonstra que lá também existem trabalhadores, estudantes, sonhadores, pessoas que querem buscar uma vida melhor além do que a sociedade lhe oferece. Interpretando as palavras da escritora nigeriana, Chimamanda Adichie (2019), de que estereotipar é assimilar uma única história, podemos dizer que isso faz com que as histórias pareçam incompletas e torne o estereótipo a norma a ser aceita sem questionamento.

É preciso, assim, levar diante o nosso questionamento a partir da problematização do conceito de identidade com o intuito de relacionar com a obra literária, porque diante desse momento histórico, Lins pode estar criticando e representando ao mesmo tempo uma realidade ou uma espécie de aceitação/naturalização do preconceito e do racismo histórico brasileiro. De fato, para nós a identidade é uma construção e uma relação social e cultural, como também é um termo que muda de significação a cada geração, podendo determinar a qual corpo social e nação o indivíduo faz parte. Tomaz Tadeu Silva argumenta que a identidade

é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é auto-suficiente (Silva, 2000, p.74).

Já Zygmunt Bauman busca ilustrar bem esse assunto da identidade com base na própria construção pessoal, visto que:

you have to create your own identity. You don't inherit it. Not only do you have to start from scratch, but you have to pass your life, in fact, redefining your identity. Because the styles of life, what is considered good for you and bad for you, the forms of life attractive and tempting change so many times in your life (Bauman, 2013).

E para Stuart Hall “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que rodeiam” (Hall, 2005, p.13).

As ações das personagens de *CDD* são difundidas sobre os aspectos políticos, sociais, culturais e históricos, articuladas em quatro níveis. O primeiro ocorre quando o *negro* passa a infringir as regras sociais, visto como revolta racial. O segundo, tão e mais catastrófico, se dá pela exploração sexual, quando a personalidade e a dignidade tanto da mulher negra quanto do homem negro é insignificante visível e socialmente e passa a ser um objeto sexual da/na sociedade. O terceiro é a substituição do *negro* por outro, apesar da sua luta pelas diferenças históricas e pelas experiências de vidas, continua a ser menosprezado. Por fim, o quarto é o que chamamos de resiliência, mesmo sendo rejeitado pela sociedade por causa dos estereótipos, o trabalhador negro, com pouca educação, desde a (pós)escravidão, usa a sua força física para trabalhar. Esses enunciados às vezes foram descritos e qualificados equivalentemente, pois a maneira que foram inseridos nos parece que o autor tentou incluí-los na obra

de forma pragmática.

Em tese, podemos asseverar, à vista disso, que a crítica presente na obra é baseada a partir dos estereótipos que constroem a identidade negra, isso porque esses estereótipos que veremos mais adiante são o símbolo da obra. Nessa busca, primeiramente, deparamos com este trecho bem trabalhado de forma peculiar e histórica que o narrador dispõe-se para poder iniciar a nossa reflexão, e que é fundamental para a primeira atitude:

[...] Tinha prazer em matar branco, porque o branco tinha roubado seus antepassados da África para trabalhar de graça, o branco criou a favela e botou o negro para habitá-lo, o branco criou a polícia para bater, prender e matar o negro (Lins, 2002, p. 176).

Tal fragmento exemplifica a fala do personagem Sérgio Dezenove, conhecido como Grande, o bandido mais famoso do Rio de Janeiro. Tudo isso por ser corajoso e pela sua periculosidade. Nesse contexto, gostava de tomar as bocas-de-fumo dos morros e matava os policiais por estarem ao serviço dos brancos e, ao mesmo tempo, defendiam os direitos dos ricos. Dentro da narrativa, ele é um personagem que preenche um papel fundamental na introdução da história de Pardalzinho.

Assim, os verbos no pretérito perfeito e do mais que perfeito são pertinentes, porque destacam o ódio e a dor escondida no personagem que remonta ao período da escravidão, apontando para uma ação e uma relação inacabada que designa o fato de ter sido escravizado para punir o outro que o tratava como um objeto, um produto. O personagem que foi selecionado (o Grande/ Sérgio Dezenove) transmite para nós uma sensação de desforra, de vingança de algo que foi roubado, que já aconteceu há muito tempo e precede essa agressividade contra o outro, pois este furtou a vida, a força, o valor e a importância dos seus ancestrais.

Esta análise é interessante para vislumbrar a inferiorização do *negro*, visto que o branco se apresenta como uma figura superior nas suas atuações e no seu tratamento.

Cabe aqui observar o engajamento político e racial do branco, no intuito de isolar e separar socialmente com o *negro* por fatores políticos e sociais. Para restringi-lo em uma região limitada e evitar diversos choques culturais, faz-lhe o favor de colocá-lo num lugar para morar. Nesse sentido, quando analisamos o lugar, em vez de favor, percebemos exclusão social, isto é, o *negro* não podia viver e se envolver no mesmo local do que ele, por isso lhe deu um lugar mal construído e aglomerado para morar. Por esse motivo, criou essa comunidade para afastá-lo e colocá-lo a certa distância do seu ambiente. Entende-se esse fato como segregação racial. Desse modo, vimos que esses conflitos raciais e de classe são “resolvidos” pela “aceitação” e pela harmonia implícita (Shohat, Ella; Stam, Robert, 2006, p. 330). Assim, constatamos que toda opressão do negro não foi resolvida e para explicitar essa noção Frantz Fanon, em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), afirmou:

Na medida em que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco. (Fanon, 2008, p. 94).

Mas por causa da sua história trágica o *negro* passa a infringir as regras sociais, e seus atos contribuem na construção da sua identidade. Ao longo da narrativa, o *negro* é retratado como um ser violento e sem empatia, e em quase toda parte vimos que ser *negro* é ser assaltante e criminoso. Conforme mencionado anteriormente, diante disso, podemos entender que a escrita de Lins concebe uma crítica, pois, quando olhamos para a sociedade e a leitura da obra, o símbolo de marginal produz essa ênfase.

Salientamos que esse trabalho também pretende discutir outra forma como o *negro* é caracterizado: como um ser objetificado sexualmente. Abordando a questão da anatomia do ser humano não é simples, já que este corpo foi intrometido em uma estrutura social que frequentemente faz parte de um sistema opressor que naturaliza certos hábitos preconceituosos e racistas e determina quem faz parte do padrão de

beleza. Nessa conotação, o corpo *negro* equivale a um objeto sexual que serve para aplacar os desejos sexuais daqueles que querem experimentar algo inabitual, sendo desejado e ao mesmo tempo desvalorizado enquanto ser. Em algumas passagens, veremos a questão da ninfomania (em mulheres) ou satíriase (em homens).

Nesta segunda atitude, deparamos a um desejo excessivo numa personagem, conhecida como cearense, mesmo sendo assediada psicologicamente e sofrendo violência doméstica pelo marido, ela continua indo em frente com seu sonho: usar o homem negro como seu objeto de satisfação. Pois, a única pessoa que pode lhe dar prazer é o homem negro, isso porque não basta o que o marido lhe faz sentir e o que já viveu. Esse ser serve para o sexo com corpo atraente, membro avantajado e imagem exótica. Sendo assim, o corpo do *negro* se reapresenta, nesta situação, como um produto de consumação e não um corpo exposto para ser comercializado como era no tempo da colônia. Assim:

[...] a cearense, enquanto apanhava, pensava em arrumar um homem que fizesse as tais maravilhas com ela, se vingaria do marido sentido prazer de verdade, mas tinha de ser com um crioulo, porque a vizinha garantira que todo negão tinha pau grande. Quanto mais apanhava, mais vinha a mente a imagem de um negro com o pênis avantajado mandando ver atrás e ela com a banana esquentada na frente. (Lins, 2002, p. 107-108).

A partir do momento em que a cearense demonstra essa compulsão sexual pelo homem negro, dando-lhe aquele tanto de caráter e querendo obter uma prática sexual diferente do que havia tido, isto promove um desajuste psicológico e revela-nos que a seu olhar o *negro* é apenas um produto sexual. Novamente, vimos a inclusão do *negro* no grupo de crioulo em que seu corpo é um objeto de desejo. Separa-se do conceito marginal para ser um objeto sem importância que pode ser usado em qualquer momento. O que está em jogo nesse trecho, é que o *negro* passa a ter valor quando o seu órgão genital é a sua máscara. Em relação a isso, para Fanon, diante

do negro, com efeito, tudo se passa no plano genital (Fanon, 2008, p.138). O autor salienta ainda que:

Para a maioria dos brancos, o negro representa o instituto sexual (não educado). O preto encarna a potência genital acima da moral e das interdições. As brancas, por uma verdadeira indução, sempre percebem o preto na porta impalpável do reino dos sabás, das bacanais, das sensações sexuais alucinantes (Fanon, 2008, p. 152).

Em *CDD*, o corpo feminino também é objetificado. A mulher negra é sempre vista de forma erótica, já que há uma não aceitação dela, devido à utópica história em que ser mulher deve servir apenas para o sexo e o trabalho, de ser libidinosa e meretriz. Movendo-se do período medieval para a contemporaneidade, em relação ao poder, as mulheres sempre foram representadas na literatura de forma exageradas, no sentido de que a sensualidade determina as suas características. Contudo, sabemos que não são, pois, a sua capacidade, maneira de pensar e agir é mais relevante. No romance, o personagem Cosme mostrou a excitação do seu desejo pela mulher do seu amigo, descrevendo o seu corpo de uma forma exacerbada. Transmitindo a imagem racista somando com a de machista de que as mulheres negras são fáceis e sensuais.

Mais uma vez completou o narrador:

[...] Cosme abriu um papelote de cocaína para ganhar tempo. Queria ver a mulher do amigo chegar. Aquela preta do rabo desse tamanho, pernas grossas, olhos amendoados, os pés bem desenhados, mãos de dedos longos e finos, lábios carnudos. (Lins, 2002, p. 106).

Enquanto o homem negro está descrito por seu órgão genital, a mulher negra está duplamente qualificada por sua beleza e por ser atraente. De modo preliminar, temos que explicitar que Cosme era morador de CD, o amigo de Silva, outro bandido que vendia cocaína e, simultaneamente, fumavam junto. Assim, começou a admirar e a ter atração pelo corpo da mulher do outro quando ficou para a arrumação do

apartamento, onde geralmente comercializava cocaína. A esposa de Silva, Fernanda, que trabalhava como prostituta, não gostava das conversas dos bandidos e temia da polícia entrar na sua casa.

No que concerne à caracterização da mulher negra, normalmente é sempre vista do jeito que está escrita no fragmento acima, pois desde a escravidão o que era mais elogiável eram suas partes íntimas e desejo pelo seu corpo. A mulher negra nunca é observada como uma trabalhadora, uma estudante, uma funcionária pública etc. Assim, o fato de estar morando numa favela, ela já é excluída no processo da sociedade e é vista de outra maneira, por exemplo, como prostituta, mulher de bandido, mulher desnuda e de bumbum avantajado. Ou seja, carrega uma conotação depreciativa. A mulher favelada está sempre relacionada à coisa ruim, como um indivíduo inútil que não possui uma educação, enfrentando preconceito e violência sexual em qualquer lugar.

De fato, Fernanda, esposa de Silva, tem sido explorada sexualmente por Cosme. Tornou-se um produto sexual da vulnerabilidade e acabou sendo hipersexualizada no romance, visto que o Cosme aproveitava e contentava para “[...] olhá-la, vê-la de bermudinha justa, camiseta sem sutiã.” (Lins, 2002, p. 106). Metamorfoseia-se, assim, como um ser insignificante visível, e socialmente por seu corpo que adquire qualidade específica e particular na obra e por apresentar uma estrutura exótica. Desse modo, percebe-se então que o espaço define a identidade do indivíduo.

Chega um momento em que essas peculiaridades do negro permitem questionar por que a parte exterior cria tantos estereótipos? Esses aspectos facilitam entender a substituição do negro por outro, apesar da sua luta pelas diferenças históricas e pelas experiências vividas, e continua a ser menosprezado. Nesta terceira atitude, esta troca de personagem, introduz-se inéditos argumentos, já que a presença do *negro* em todo o tempo é secundária, ou seja, como personagem coadjuvante, tanto na vida real como no ficcional. Porém, no *CDD* tem o papel de protagonista e coadjuvante. Aparece diversas vezes no decorrer da história com a marca histórica da opressão e,

de tempos em tempos, carregada de clichês e estereotipação.

Isso porque ocorre uma exclusão dentro da exclusão, o que isso quer dizer? Esta mulher, personagem não nomeada no romance, já era excluída e passa a rejeitar alguém que pertence à mesma comunidade. Esse alguém é o seu próprio marido. É fácil perceber que ao consumir os produtos da televisão, chega a substituir o *negro* pelo modelo que a indústria cultural lhe propõe, pois ser branco é ter a beleza e a perfeição que nunca pertence ao *negro*, ser inteligente e ator nas novelas, por causa dessa rejeição procura-se assimilar e admirar o outro. Percebe-se um conflito na cultura negra, se colocamos os termos nos seus devidos lugares, há neste fato a busca pelo embranquecimento, já que a televisão coloca o *negro* nessa posição de inferiorização e comutação, acaba sendo substituído no seu próprio repertório. O narrador, nesta ocasião, exerce um papel fundamental, permitindo-nos compreender esse racismo estrutural:

Com efeito, parece que, para ela, o branco e o negro representam os dois pólos de um mundo, pólos em luta contínua, uma verdadeira concepção maniqueísta do mundo [...]. Sou branco, quer dizer que tenho para mim a beleza e a virtude, que nunca foram negras. Eu sou da cor do dia... Sou negro, realizo uma fusão total com o mundo, uma compreensão simpática com a terra, uma perda do meu eu no centro do cosmos [...] (Fanon, 2008, p. 56).

Em outro extremo, nesta quarta atitude, será quebrada a máscara de assaltante, de sexualidade para o que chamamos de resiliência, mesmo sendo rejeitado pela sociedade por causa dos estereótipos, o trabalhador negro, com pouca educação, desde a (pós)escravidão, usa a sua força física para trabalhar. Além do que já discutimos, sobretudo, em *CDD*, transcorre um desvio momentâneo do assunto sobre o qual o livro se trata, isto é, deslocando-se da contemporaneidade para o colonial em plena sociedade livre, é o que denominamos de digressão histórica.

“Quarenta negros no transporte daquela formosura. Enquanto vinte suportavam

o peso do instrumento, os outros quebravam os galhos das árvores mais baixas para não arranhá-lo." (Lins, 2002, p. 148). Destacamos como o uso da mão de obra escrava é apresentado, relacionando com o imaginário de que ser *negro* é um ser desprovido de dor. Assim, ele pode suportar quaisquer situações indesejadas, pois é um descendente africano e o romance *CDD* destaca as condições análogas ao trabalho escravo. Além de ser explorado no seu emprego e também tendo que trabalhar por conta própria, pois é um indivíduo que sofre ainda mais com os termos pejorativos. Para se afastar desse problema, a maior parte procurou a fé que trazia esperança de permanecer em um ambiente não preconceituoso e que reconfortava seu sentimento interior.

Analisando a obra, procurando saber ainda mais se são todos os habitantes da comunidade que possuem essas características que construíram uma única história da CD, em que a figura do favelado estava submissa a criminalidade e a prostituição. Estava presente um personagem isolado que não se punha no meio do que havia e estava acontecendo na CD, chamava de Busca-pé. No decorrer da narrativa, ele é o contraste e a divergência da obra, com traços dessas atitudes políticas.

Buscapé é um jovem negro e pobre que nasceu e cresceu no meio da violência. Desejava ter um emprego para levar seus estudos adiante, ter dinheiro para sair com a namorada e pagar um curso de fotografia. Durante as férias escolares ele e seu amigo Barbantinho, quando eram crianças, aproveitaram as manhãs para vender picolé e as tardes para brincar na rua, isso porque Buscapé passava no colégio e trabalhava para ajudar a casa desde criança. Anos depois, pensando nas influências do espaço, da coletividade e no comportamento dos outros, características das personagens naturalistas, começou a se comparar com Gilberto Gil, Caetano, Bethânia e Gal, isso em razão que esses cantores conhecidos fumavam e foram presos. Buscapé tentava se diferenciar daqueles que moravam na favela, até buscou criar uma loja de utensílios de cozinha fora da CD para se afastar da situação da favela. Deu certo o que planejou, porém não demorou a falhar.

Começou a trabalhar no supermercado Macro para juntar dinheiro e tentar

comprar a tão sonhada máquina fotográfica. Entretanto, não aconteceu do jeito que tinha planejado, pois com o assalto dos dois ladrões dos Apês – um grupo de jovens traficantes – foi demitido e o sonho estragou. Ao nosso ver, ele não foi apenas demitido, o Buscapé foi discriminado por ser negro e morar numa favela. Essa ação desrespeita, discrimina e desvaloriza tanto ele quanto a sociedade que integra. Não foi dispensado somente pelo roubo, mas por estar morando onde mora.

A única carta que ele tinha para jogar era entrar no crime, um aspecto que a sociedade lhe fornece desde o seu nascimento até esse momento. Durante a nossa leitura nos veio essas perguntas: por que decidiu ingressar no mundo do crime? Isto é, por ser negro e pobre? Por estar em péssimas condições? Por estar em uma sociedade precária? Em vez disso, pensar nas suas trajetórias na obra, diferente dos outros personagens, por que, no final das contas, desistiu tão rápido da sua digna vida trabalhador? Por que não procura retornar aos seus estudos? A nossa leitura aponta, mediante a aproximação entre a construção da personagem e as marcas da identidade social, para uma falta de perspectiva, para uma ausência (quase) absoluta de possibilidades. Essa leitura é reforçada pelo fato de Buscapé se constituir como a referência para contrapor as atitudes racistas e a discriminação, apresentando a quebra da autenticidade do ser *negro* em razão do racismo individual e institucional, o que faz com que a sua identidade torne-se uma “celebração móvel” (Hall, 2005, p. 13).

Uma leitura única sobre o romance se apresenta como um problema, pois manteria os estereótipos que não consideram o todo, em decorrência de sua descontextualização. É por esse ângulo que a literatura pode abordar aspectos da realidade pelo viés da ficção sem que isso esteja distanciado dos problemas presentes no dia a dia de cada morador das favelas que partilham das mesmas situações e condições de vida.

Assim, entendemos o porquê da identidade negra ser representada e construída de forma estereotipada no romance ao considerarmos a questão do racismo, na qual o *negro* se transforma e ressignifica os sentidos da sua identidade. Se compreendermos

a problemática da construção estereotipada do *negro* na literatura com o intuito de sair da condição de subalternidade, é preciso incluí-lo, por sua própria natureza, sem reescrever repetidamente a sua inautêntica história.

REFERÊNCIAS:

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4.ed.rev. e aument. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

IDENTIDADE pessoal – Fronteiras do Pensamento. Youtube, 2013. 1 vídeo. (2 min.) YouTube, 9 de out de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sMaWuh6nw3g>. Acesso em 7 de nov de 2019.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. Tradução: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In: Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 73-102.

Contribuições de autoria

1 – João Luis Pereira Ourique

Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria

<https://orcid.org/0000-0003-4113-5553> • jlourique@yahoo.com.br

Contribuição: Conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, supervisão, validação, escrita - primeira redação, escrita - revisão e edição.

2 - Christopher Rive St Vil

Mestre em Estudos de Literatura - Literaturas Estrangeiras Modernas na Universidade Federal Fluminense

<https://orcid.org/0000-0002-7816-895X> • christopherrivestvil@gmail.com

Contribuição: Conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, escrita - primeira redação.

Como citar este artigo

OURIQUE, J. L. P., & ST VIL, C. R. Reflexões sobre a construção estereotipada do negro no romance Cidade de Deus. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria n. 43, p. e87670, 2024. DOI: 10.5902/1679849X87670. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/87670>.